



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL – DTO

Gabriela Moreira Neves de Souza

**A obra de Sonia Ferrari: uma revisão narrativa de suas contribuições à Terapia
Ocupacional**

*The Work of Sonia Ferrari: A Narrative Review of Her Contributions to Occupational
Therapy*

SÃO CARLOS - SP

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL – DTO

Gabriela Moreira Neves de Souza

**A obra de Sonia Ferrari: uma revisão narrativa de suas contribuições à Terapia
Ocupacional**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para a obtenção do grau
de Bacharel em Terapia Ocupacional na
Universidade Federal de São Carlos.

Orientação: Prof. Dra. Tais Quevedo Marcolino

SÃO CARLOS - SP

2025

Em memória de minha avó Cristina, que me ensinou a encontrar propósitos através do amor e dedicação. Aos meus pais, Maria de Lourdes e Edison, que sempre serão a maior razão dos meus objetivos.

Dedico.

“O tempo em sua dimensão criativa, cria também o passado e o renova, *a posteriori*.”

(Figueiredo, 2012, p. 15)

Resumo

Introdução: Este trabalho realiza uma revisão narrativa da literatura acerca da obra de Sonia Maria Leonardi Ferrari, terapeuta ocupacional de referência no campo da saúde mental e da clínica das psicoses. **Metodologia:** A revisão narrativa é um método de pesquisa de natureza teórica e qualitativa, voltado à análise, interpretação e discussão crítica de um determinado tema. A busca bibliográfica foi realizada no currículo publicado na Plataforma Lattes, nas bases de dados SciELO e LILACS, bem como por busca manual nas principais revistas científicas da área de Terapia Ocupacional. Os critérios de inclusão abarcaram materiais bibliográficos revisados por pares, livros e capítulos de livro com autoria principal ou co-autoria de Sonia Ferrari. Após a identificação e seleção do material, foi elaborado um quadro de evidências, contendo a síntese e os seus objetivos de cada produção. Para a síntese da trajetória profissional da autora, foi utilizada a transcrição de uma entrevista realizada em dezembro de 2020, quando da comemoração de seus 45 anos de carreira, ainda não publicada. **Resultados:** Foram identificadas 15 produções, entre 1990 e 2022, detalhadas em termos de conteúdo e objetivos. **Considerações finais:** Ao longo de sua trajetória clínica, Sonia Maria Leonardi Ferrari demonstrou o potencial da terapia ocupacional para o cuidado de pessoas em sofrimento psíquico intenso. Sua obra evidencia a necessidade de uma abordagem dinâmica, flexível e centrada no indivíduo, reconhecendo singularidades, promovendo significados e fortalecendo relações. O percurso de Ferrari revela a construção progressiva de um raciocínio teórico-metodológico em terapia ocupacional, consolidando um legado duradouro para profissionais e pesquisadores.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; Psicanálise; Saúde mental.

Abstract

Introduction: This study presents a narrative literature review of the work of Sonia Maria Leonardi Ferrari, an occupational therapist recognized as a reference in the field of mental health and the clinical practice of psychosis. **Methodology:** The narrative review is a theoretical and qualitative research method aimed at the analysis, interpretation, and critical discussion of a given topic. The bibliographic search was conducted using the curriculum published on the Lattes Platform, the SciELO and LILACS databases, as well as manual searches in major scientific journals in the field of Occupational Therapy. Inclusion criteria encompassed peer-reviewed bibliographic materials, books, and book chapters authored or co-authored by Sonia Ferrari. After identifying and selecting the material, an evidence chart was prepared, containing a synthesis and the objectives of each publication. For the synthesis of the author's professional trajectory, an interview transcript from December 2020 conducted in celebration of her 45 year career and not yet published was used. **Results:** A total of 15 publications produced between 1990 and 2022 were identified and detailed in terms of content and objectives. **Final Considerations:** Throughout her clinical trajectory, Sonia Maria Leonardi Ferrari demonstrated the potential of occupational therapy in caring for individuals experiencing severe psychological distress. Her work highlights the need for a dynamic, flexible, and person-centered approach that recognizes singularities, promotes meaning, and strengthens relationships. Ferrari's path reveals the progressive construction of a theoretical-methodological reasoning in occupational therapy, establishing a lasting legacy for professionals and researchers.

Keywords: Occupational Therapy; Psychoanalysis; Mental Health.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 INÍCIO DAS RELAÇÕES ENTRE TERAPIA OCUPACIONAL E PSICANÁLISE NO BRASIL.....	11
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 OBJETIVO GERAL.....	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
3 METODOLOGIA.....	15
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA PRODUÇÃO DOS DADOS.....	16
3.2 ANÁLISE DOS DADOS.....	16
4 RESULTADOS.....	17
4.1 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	17
4.2 MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6 POSFÁCIO.....	36

1. INTRODUÇÃO

A Terapia Ocupacional brasileira, no campo da saúde mental, foi bastante influenciada pelo movimento da terapia ocupacional psicodinâmica, isto é, uma terapia ocupacional baseada em pressupostos psicanalíticos, principalmente nas décadas de 1970 e 1980 (Benetton, 1991; Tedesco, 2023). Desse modo, apesar das práticas em terapia ocupacional não surgirem dentro da psicanálise, estas ampliaram possibilidades de trabalhar em um campo constituído pela dinamicidade das relações. Assim sendo, é de suma importância retomar alguns marcos históricos da profissão, para compreender quando e como se deram as primeiras relações com a psicanálise, entendendo qual a sua relevância para as práticas atuais em terapia ocupacional (Tedesco, 2023).

A terapia ocupacional surgiu enquanto profissão em 1917, nos Estados Unidos, estando muito vinculada aos movimentos higienistas e humanistas, que compreendiam o uso das ocupações como forma de tratar holisticamente o ser humano, compreendendo corpo e mente de modo integrado (Morrison, 2021, *apud* Tedesco, 2023). Com o passar do tempo, principalmente a partir da década de 1950, o holismo inicial foi se perdendo, e a profissão passou a assumir perspectivas dicotômicas, com práticas específicas para pessoas com deficiência, buscando pela funcionalidade do corpo (Low, 2008, *apud* Tedesco, 2023); e práticas no campo da psiquiatria, mais voltadas para gratificar necessidades psíquicas, principalmente à luz da psicanálise (Fidler & Fidler, 1963, *apud* Tedesco, 2023).

Nesse período, o uso da psicanálise era especialmente voltado para uma investigação do inconsciente e seus desdobramentos sob práticas terapêuticas variadas conhecidas como terapias psicodinâmicas. O movimento psicodinâmico na terapia ocupacional, propriamente dito, teve seu início nas décadas de 50 e 60, nos Estados Unidos e Canadá, tendo como marco inicial o trabalho intitulado “Aspectos Dinâmicos e Terapia Ocupacional” produzido por Azima e Wittkower (1958, *apud* Tedesco, 2023). Este trabalho teve como principal crítica a relação de causa-efeito estabelecida pelo terapeuta, ao qual se atribuía a função de educar e ocupar o paciente. Defende-se ainda, a utilização das chamadas “atividades expressivas”, que seriam aquelas capazes de expressar a realidade inconsciente do indivíduo, pautando-se nas teorias de Freud para incorporar alguns conceitos psicanalíticos no raciocínio terapêutico ocupacional (Tedesco, 2023).

Outro aspecto importante a ser destacado, diz respeito ao processo terapêutico em terapia ocupacional ser estruturante do ego, dado que este processo possibilitaria experiências de gratificação e sublimação (Tedesco, 2006). A sublimação para Freud, foi descrita como um mecanismo de defesa inconsciente, no qual impulsos que naturalmente seriam inaceitáveis socialmente, passam a ser convertidos em comportamentos culturalmente aceitáveis. Tedesco (2023) destaca a sublimação como principal objetivo da terapia ocupacional psicodinâmica desse período, pois ao realizar atividades no setting terapêutico, é possível descarregar pulsões em objetos socialmente aceitos, reorganizando-os em direção à função terapêutica ocupacional, marcada pela exploração, gratificação e integração das necessidades inconscientes mais latentes.

Fidler e Fidler (1963, *apud* Tedesco, 2023) também se dedicaram aos estudos acerca da função terapêutica da terapia ocupacional, pautados pelo uso da atividade e sua conceituação teórica. Nos seus primeiros trabalhos, eles apresentam o conceito de relação triádica, na tentativa de diferenciar os sujeitos atendidos pela terapia ocupacional e pela psicoterapia. Segundo Tedesco (2023), a problemática relacional era a principal característica dos pacientes atendidos pela terapia ocupacional, pois, em sua maioria, apresentavam uma impossibilidade ou dificuldade temporária de estabelecer e construir novas relações. A relação triádica, por sua vez, seria então o processo comunicativo dinâmico estabelecido entre terapeuta e paciente, o qual é instrumentalizado pelo uso da atividade, formando a tríade terapeuta-paciente-atividade.

Nessa perspectiva, a produção de Gail Fidler compreende o processo terapêutico ocupacional como o processo de converter experiências e pensamentos subjetivos em interpretações publicamente vistas e validadas (Tedesco, 2023). A atividade, uma vez entendida como objeto/instrumento, é passível de satisfazer algum desejo, como descrito em Freud ao abordar o impulso pulsional, podendo experimentar novas atividades que ampliem ou modifiquem a relação objetal originária. Nos trabalhos mais atuais de Fidler, Tedesco (2023) descreve que os objetos são entendidos como componentes da vida cotidiana, que devem ser manejados, compreendidos e utilizados.

Assim, a produção da terapia ocupacional psicodinâmica contribuiu para o campo procedimental da profissão, marcada pelo pressuposto de que as atividades eram instrumentos utilizados pelo terapeuta como forma de criar um campo relacional e procedimental para as

intervenções. No Brasil, a partir da década de 1980, a compreensão do processo terapêutico ocupacional foi sendo cada vez mais atravessado por aspectos teóricos da psicanálise, com ênfase para autores como Lacan e Winnicott, que enfocaram a clínica das psicoses e o uso dos grupos terapêuticos como principais correntes teóricas (Tedesco, 2023).

Nesse percurso, a psicanálise seguiu influenciando algumas terapeutas ocupacionais de grande importância, como Jô Benetton, que a partir de estudos da psicanálise, propôs um primeiro referencial teórico-metodológico para o campo da saúde mental, chamado Terapia Ocupacional Psicodinâmica Brasileira (Benetton, 1991a). Jô Benetton, em um processo de investigação que colocou a prática da terapia ocupacional como objeto de estudos, desenvolveu a técnica Trilhas Associativas, na qual as atividades aparecem como integrantes da relação triádica, não somente como mediadoras da realidade interna e externa vivenciada pelo indivíduo (Benetton & Marcolino, 2013). Jô Benetton em produções mais recentes fez um afastamento teórico da Psicanálise, na construção do atual Método Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD), mas suas produções das décadas de 1970 até o início de 1990 ainda trazem muitos elementos da psicanálise para refletir sobre fenômenos da terapia ocupacional (Benetton, 1984; 1991b, 1995).

No Brasil, esse movimento de aproximação entre Terapia Ocupacional e Psicanálise encontrou continuidade e aprofundamento no trabalho de Jô Benetton e, posteriormente, em parceria com Sonia Ferrari. Sonia foi estagiária de Jô Benetton durante sua formação graduada e esteve com ela nos grupos de estudos que aconteceram a partir de 1973 (Benetton, 1991). Em 1980, Jô Benetton fundou o Centro de Estudos de Terapia Ocupacional (CETO), atual Centro de Especialidades em Terapia Ocupacional, em parceria com a terapeuta ocupacional Sonia Ferrari, sendo uma instituição de caráter privado, voltada para práticas de ensino, pesquisa e assistência, oferecendo também formação clínica no MTOD (Mello, 2023).

Sonia Ferrari é uma terapeuta ocupacional de destaque no campo da saúde mental. Formada em 1975 pela Universidade de São Paulo, atualmente é diretora e terapeuta ocupacional do Instituto A Casa, instituto no qual foi uma das sócias fundadoras, em conjunto com Jô Benetton. Além disso, também compõe a diretoria do CETO, atuando como professora no MTOD. Com uma carreira de quase 50 anos dedicada à clínica, Sonia Ferrari possui um conjunto de produções bibliográficas que nunca foram sistematizadas. Esses

trabalhos são voltados para o cuidado a pessoas em sofrimento psíquico intenso, especialmente, na clínica das psicoses.

Desde 1979, Sonia trabalha no Hospital Dia A Casa, cujo referencial teórico que sustenta as intervenções é a psicanálise. O hospital é um dos pioneiros na clínica do acompanhamento terapêutico na cidade de São Paulo, o qual possui mais de 40 anos de experiência no tratamento de psicoses e de outras psicopatologias (A Casa, 2024). Logo, Sonia enquanto fundadora e terapeuta ocupacional do Instituto A Casa, possui arcabouço teórico-prático de grande importância, principalmente no que diz respeito ao cuidado em terapia ocupacional na clínica das psicoses e à compreensão das relações contemporâneas entre a terapia ocupacional e a psicanálise. Compreender suas reflexões e perspectivas sobre esses temas se faz relevante, na medida em que o conhecimento prático, muitas vezes, permanece tácito e demanda momentos de reflexão para se tornar explícito e poder ser analisado coletivamente (Marcolino & Mizukami, 2003).

1.1. Início das relações entre Terapia Ocupacional e Psicanálise no Brasil

Ao refletir sobre a constituição da profissão, é possível identificar que a Terapia Ocupacional foi atravessada, historicamente, por dois tensionamentos centrais. O primeiro se refere às críticas ao uso da ocupação como recurso terapêutico no contexto do tratamento moral. O segundo, mais recente, emerge da compreensão de que a atividade, em situação terapêutica, pode configurar-se como campo relacional e procedimental, favorecendo vínculos do sujeito consigo, com os outros e com o mundo (Tedesco, 2023). É nesse segundo movimento que se insere a elaboração do Método da Terapia Ocupacional Dinâmica, formulado por Jô Benetton, do qual Sonia foi uma das principais interlocutoras. Os estudos da Psicanálise, realizados por Jô Benetton e Sonia Ferrari, levaram-nas a experimentar formas de instauração e manejo da relação terapêutica - que foi sendo compreendida como relação triádica (terapeuta ocupacional, paciente e atividades) - à luz da compreensão da transferência.

A transferência constitui um fenômeno central para a compreensão da subjetividade do paciente. Trata-se do processo pelo qual sentimentos, experiências e expectativas internalizados ao longo da vida são projetados sobre o terapeuta e sobre as atividades

propostas. Tal fenômeno não apenas revela conteúdos inconscientes, mas também permite analisar padrões de relação e de enfrentamento do indivíduo frente ao mundo. Segundo Tedesco (2023) a transferência manifesta-se de forma positiva, fortalecendo vínculos de confiança e afeto, ou negativa, evidenciando resistências, frustrações e impasses na relação terapêutica. O manejo clínico adequado desses fenômenos é determinante para a construção de um espaço terapêutico capaz de promover transformação e desenvolvimento psíquico (Tedesco, 2023).

Benetton (2010) foi caminhando na direção do reconhecimento de que fenômenos transferenciais na terapia ocupacional aproximavam-se mais da relação professor-aluno, na medida em que há uma centralidade das ações educativas na prática sustentada pelo MTOD. Mas em suas produções, o fenômeno transferencial sempre foi compreendido como central para o manejo relacional, para propor movimentos que coloquem em ação a dinâmica da relação triádica (Benetton, 1991a, 1991b).

Além disso, perspectivas psicodinâmicas, também passaram a considerar o fenômeno da projeção, em psicanálise. A projeção, enquanto fenômeno psíquico que participa da constituição dos vínculos transferenciais, manifesta-se também no campo ocupacional, especialmente quando a atividade assume um papel simbólico e mediador no processo terapêutico. A partir dessa compreensão, as atividades desenvolvidas na Terapia Ocupacional deixam de operar apenas como tarefas de cunho pragmático ou utilitário, passando a constituir-se como espaços de expressão subjetiva e de elaboração dos conteúdos inconscientes. A autora ressalta que o fazer ocupacional, ao possibilitar a emergência de aspectos simbólicos, torna-se instrumento privilegiado de mediação entre o mundo interno do sujeito e a realidade externa

Essa concepção dialoga com a noção de objeto transicional proposta por Winnicott (1971), segundo a qual determinados elementos ou experiências atuam como ponte entre a subjetividade e o ambiente, favorecendo processos de simbolização e integração psíquica. Assim, as atividades terapêuticas, quando compreendidas a partir dessa perspectiva psicodinâmica, permitem que o paciente projete sentimentos, desejos e conflitos de modo indireto, construindo novas formas de significar suas vivências e promovendo transformações no campo emocional e relacional.

Essa experiência possibilita ao sujeito atribuir significados singulares ao material utilizado, às ações empreendidas no processo de criação e aos resultados obtidos, transformando cada movimento e implicação em um canal de comunicação simbólica, na medida em que o indizível consegue via para ser expressado. Ao mesmo tempo, realizar atividades numa relação triádica oferece um espaço protegido no qual conteúdos emocionais e inconscientes poderiam emergir de forma segura, sem confrontação direta e sem necessidade de racionalização e atribuição de defesas constantes, como ocorreria pela comunicação verbal. Esse aspecto evidencia a relevância das atividades na relação como possibilitadora de processos de ressignificação, reorganização subjetiva e fortalecimento do eu. Assim, a prática no campo da saúde mental passa a se consolidar não apenas como instrumento de desenvolvimento de habilidades motoras ou cognitivas, mas como espaço que proporciona a vivência de fazeres os quais criam novas dimensões relacionais, afetivas e simbólicas que fomentam o objetivo final de inserção social (Tedesco, 2023).

Tedesco (2023, p. 156) ressalta que “as estratégias da terapia ocupacional não se constituíram dentro da psicanálise, porém o propósito relacional, nuclear para qualquer ação dessa profissão, obtém aqui uma importante fertilização”, apontando para o diálogo fecundo entre o campo psicanalítico e o fazer terapêutico ocupacional.

De fato, ainda que a prática em terapia ocupacional não tenha se originado nos referenciais psicanalíticos, sua lógica relacional e transformadora dialoga com conceitos centrais da psicanálise, sobretudo em relação à transferência, à simbolização e à construção de significados, importantes para reestruturar um cotidiano muitas vezes esvaziado de sentidos e tomado pelo sofrimento.

Assim, visando contribuir para o avanço profissional neste campo, aprimorando os conhecimentos acerca desta temática, que possuem potencial de se oferecer como subsídios potentes para as intervenções no âmbito da saúde mental, inscreve-se este trabalho de conclusão de curso.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Mapear as produções bibliográficas de Sonia Ferrari.

2.2 Objetivos específicos

Apresentar uma síntese da trajetória profissional da autora, bem como de suas contribuições à Terapia Ocupacional.

3. METODOLOGIA

A pesquisa utilizará a metodologia de Revisão Narrativa de Literatura. A revisão narrativa da literatura constitui um método de pesquisa de natureza teórica e qualitativa, voltado à análise, interpretação e discussão crítica de um determinado tema, a partir de publicações já existentes em livros, artigos científicos e outros registros acadêmicos. Diferencia-se da revisão sistemática por seu caráter mais amplo e interpretativo, uma vez que não se apoia em protocolos rígidos de busca e seleção, mas na reflexão analítica e contextual do pesquisador sobre as produções identificadas (Rother, 2007).

Esse tipo de revisão não se limita a um procedimento metodológico padronizado, mas se orienta pela compreensão crítica e pela articulação reflexiva entre diferentes produções, com base na leitura e interpretação do autor. Por isso, é especialmente indicado para estudos de natureza qualitativa e teórico-conceitual, que visam compreender processos de formação de saberes, influências teóricas e contribuições de autores ou movimentos em determinada área (Rother, 2007).

No campo da Terapia Ocupacional, a revisão narrativa tem papel importante ao aprofundar o entendimento sobre práticas, fundamentos e perspectivas históricas, permitindo que se identifiquem as continuidades, rupturas e inovações que marcam a constituição da profissão. Trata-se, portanto, de um método de pesquisa voltado à reflexão e à atualização do conhecimento, sem pretensão de quantificar resultados, mas sim de compreender criticamente um fenômeno ou uma produção teórica a fim de contribuir e orientar as práticas contemporâneas (Rother, 2007).

Além disso, para o objetivo específico de apresentar uma síntese da trajetória profissional de Sonia Ferrari, será utilizada a transcrição de uma entrevista realizada em dezembro de 2020, quando da comemoração de seus 45 anos de carreira. Essa entrevista foi conduzida por pesquisadoras do grupo de pesquisa em Terapia Ocupacional Dinâmica: Taís Quevedo Marcolino, Ana Carolina Carreira de Mello, Elcyana Bezerra, Lucyla Landim e Raphaela Schiassi (responsável pela transcrição).

3.1 Procedimentos metodológicos para produção de dados

O período selecionado para o levantamento bibliográfico foi de abril a outubro de 2025. A busca bibliográfica foi realizada no currículo de Sonia Maria Leonardi Ferrari publicado na Plataforma Lattes (<http://lattes.cnpq.br/8325094190036958>), nas bases de dados SciELO e LILACS, bem como por meio de busca manual nas principais revistas científicas da área de Terapia Ocupacional: *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo (RTO-USP)*, *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional (Revisbrato)* e *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional (Cadernos de TO/UFSCar)*. Os critérios de inclusão foram: a) material bibliográfico com autoria principal ou co-autoria de Sonia Ferrari; b) publicações em revistas acadêmicas e clínicas revisadas por pares e livros ou capítulos de livros.

Após a identificação e seleção do material, foi elaborado um quadro de evidências, contendo a referência bibliográfica de cada produção e os seus objetivos, elencando os principais conceitos e contribuições teórico-práticas.

3.2 Análise dos dados

A análise qualitativa de dados consiste em examinar, interpretar e organizar criticamente as informações obtidas a partir das publicações selecionadas. Diferentemente de revisões sistemáticas, o enfoque está na compreensão qualitativa das ideias, conceitos e contribuições teóricas presentes na literatura. No presente estudo, a análise de dados foi conduzida de forma descritiva e interpretativa, buscando evidenciar as principais contribuições de cada obra. A análise, portanto, buscou valorizar a relevância e a significação das contribuições estudadas, permitindo organizar o conhecimento de maneira coerente e interpretativa, própria da metodologia de revisão narrativa, e favorecendo a compreensão do desenvolvimento histórico e conceitual do cuidado em Terapia Ocupacional em saúde mental para pessoas com sofrimento psíquico intenso (Rother, 2007).

4. RESULTADOS

4.1 Trajetória profissional

No Brasil, Sonia Maria Leonardi Ferrari marca a constituição de um raciocínio teórico-prático robusto e inovador no que concerne às práticas no campo da Terapia Ocupacional em Saúde Mental. Ingressou na Terapia Ocupacional pela Universidade de São Paulo (USP) em 1975, tendo sua trajetória sido atravessada por um forte compromisso com a saúde mental e pela busca por uma prática crítica e inventiva na profissão. Filha de médico e de artista plástica, cresceu entre dois universos distintos que, no entanto, sempre dialogaram em sua formação: de um lado, a escuta clínica; de outro, a potência do sensível. Esses elementos se tornaram marcas constitutivas de seu desenvolvimento profissional e pessoal (Ferrari, 2020).

Durante a graduação, Sonia se deparou com um curso ainda em consolidação, carente de estrutura e de produção própria. Seu engajamento foi notável na busca por estágios que oferecessem maior densidade teórica e prática. Entre essas experiências, o estágio em psiquiatria na Santa Casa de São Paulo, sob supervisão de Jô Benetton, revelou-se um verdadeiro divisor de águas. Ali, ela pôde vivenciar o hospital-dia, uma proposta até então pioneira, e experimentar a atividade não apenas como ocupação, mas como linguagem, espaço de escuta e enquanto instrumento da terapia ocupacional (Ferrari, 2020).

Foi nesse contexto que germinou uma das parcerias mais fecundas da Terapia Ocupacional brasileira: a relação entre Sonia Ferrari e Jô Benetton, que ultrapassa quatro décadas de trocas intelectuais, afetivas e profissionais. Essa parceria se fortaleceu em encontros semanais de estudo e supervisão que, no início dos anos 1980, resultaram na fundação do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional (CETO). O grupo, que começou de modo informal, se estruturou como um curso de especialização em Terapia Ocupacional em Psiquiatria, inicialmente marcado por um currículo predominantemente teórico, ministrado por psiquiatras e psicanalistas. Ainda que a Terapia Ocupacional ocupasse espaço reduzido nesse cenário, esse núcleo formativo foi decisivo: dali emergiria o Método da Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD), sistematizado a partir de práticas clínicas e longas supervisões coletivas (Ferrari, 2020).

No início da carreira, Sonia recusou uma vaga no Hospital Psiquiátrico do Juqueri, então marcado por práticas manicomiais violentas, e atuou em hospitais psiquiátricos tradicionais da capital paulista. Em seus relatos, as imagens permanecem vívidas: celas sem luz, pacientes nus, portas trancadas a chaves múltiplas, medo e ausência quase total de recursos. Ali, uma jovem de apenas 20 anos buscava criar espaços de atividade e sentido em meio à escassez. Sonia reconhece que essa experiência foi formativa, mas também profundamente dolorosa e restritiva.

A transição para novos horizontes ocorreu quando assumiu uma vaga em hospital psiquiátrico administrado por uma congregação religiosa, a Casa de Saúde Nossa Senhora do Caminho, onde Jô Benetton havia estruturado o setor de Terapia Ocupacional. Nesse espaço, encontrou condições mais favoráveis: equipes interdisciplinares menores, maior reconhecimento institucional e certa liberdade para a criação de projetos. Esse período representou não apenas um amadurecimento profissional, mas também sua inserção como supervisora de estágios da USP.

Paralelamente, foi convidada por Reinaldo José Gomes da Silva, colega de longa data, a integrar o ambulatório integrado de psiquiatria vinculado à Escola Paulista de Medicina (atual UNIFESP). Essa experiência reafirmou sua aposta em práticas clínicas mais cotidianas e interdisciplinares, capazes de romper com o modelo asilar e valorizar a singularidade do sujeito. Assim, a trajetória de Sonia foi se constituindo como uma tessitura entre formação, assistência e ensino. Sua biografia não pode ser dissociada da própria história da Terapia Ocupacional no Brasil, especialmente no campo da saúde mental, em constante diálogo com as transformações políticas, institucionais e subjetivas que marcaram as últimas décadas.

4.2 Mapeamento das produções bibliográficas

Sonia Ferrari apresenta 15 artigos publicados, nos quais é possível vislumbrar sua carreira prática e suas construções teórico-metodológicas (Ferrari, 2012; 2008; 2002; 1999; 1997; 1995; 1991; Ferrari; Benetton, 2003; Ferrari; Tedesco, 2000; Ferrari; Tedesco; Benetton, 1998; Ferrari; Aguirre, 1990; Ferrari; Benetton, 1989). Esse material encontra-se detalhado no Quadro 1.

Quadro 1 - Mapeamento e sistematização da obra da autora

Referência	Objetivo
FERRARI, S. M. L.; AGUIRRE, B. Aspectos de funcionamento da clínica de grupos e sua especialidade na Terapia Ocupacional. Boletim de Psiquiatria, v. 22-23, 1990.	Analisar a prática da clínica de grupos em terapia ocupacional, destacando suas especificidades e potencialidades no campo da saúde mental.
FERRARI, S. M. L. O nascer das palavras através do fazer. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 2, 1991.	Explorar o papel das atividades manuais e expressivas na emergência da linguagem, discutindo sua função terapêutica em contextos clínicos.
FERRARI, S. M. L. Terapia Ocupacional: integração e produção do saber. Revista do C.E.T.O., Ano 1, n. 1, 1995.	Refletir sobre a produção de saber na terapia ocupacional e sua integração com outras áreas do conhecimento, ressaltando a construção interdisciplinar da prática.
FERRARI, S. M. L. A ancoragem no caminho da psicose: um estudo clínico do uso de atividades e sua compreensão no tratamento de psicóticos. Revista do C.E.T.O., Ano 2, n. 2, 1997.	Investigar o uso das atividades como instrumento na clínica das psicoses, discutindo sua função de ancoragem na experiência subjetiva.
FERRARI, S. M. L.; TEDESCO, S.; BENETTON, M. J. De la Spécialisation d'Ergothérapeutes en Santé Mentale. Journal D'ergothérapie, v. 3, n. 20, p. 113-116, 1998.	Debater a formação e especialização de terapeutas ocupacionais em saúde mental, enfatizando a importância da perspectiva psicodinâmica na prática clínica.
FERRARI, S. M. L. Terapia Ocupacional – espaço da narrativa entre forma e imagem. Revista do C.E.T.O., Ano 4, n. 4, 1999.	Analisar o papel da narrativa, da forma e da imagem como elementos constitutivos da prática terapêutica ocupacional, explorando sua função simbólica e clínica.
FERRARI, S. M. L.; TEDESCO, S. Acesso à teoria da técnica trilhas associativas. Revista do C.E.T.O., Ano 5, n. 5, 2000.	Discutir as trilhas associativas como recurso teórico-técnico na terapia ocupacional, destacando sua utilização na clínica psicodinâmica e na construção de vínculos terapêuticos.

FERRARI, S. M. L. A-Tua-Ação da Terapia Ocupacional no corpo contido. Revista do C.E.T.O., Ano 7, n. 7, 2002.	Refletir sobre as intervenções da terapia ocupacional em contextos de contenção corporal, considerando a ação terapêutica como espaço de criação, expressão e ressignificação do sujeito.
FERRARI, S. M. L.; BENETTON, M. J.; TEDESCO, S. Hábitos, cotidiano e terapia ocupacional. Revista do C.E.T.O., Ano 8, n. 8, p. 27-40, 2003.	Examinar a relação entre hábitos, cotidiano e a prática da terapia ocupacional, discutindo a influência das rotinas no processo terapêutico e na construção da subjetividade.
FERRARI, S. Terapia Ocupacional e as fronteiras de seu território. Revista do C.E.T.O., v. 9, p. 9-17, 2004.	Discutir os limites e as expansões do território da Terapia Ocupacional, refletindo sobre as fronteiras simbólicas, institucionais e conceituais que atravessam o campo.
FERRARI, S. M. L. Análise de Atividades. Revista do C.E.T.O., v. 10, p. 36-40, 2008.	Apresentar a análise de atividades como ferramenta fundamental para a prática da terapia ocupacional, destacando sua importância na compreensão clínica e na construção de intervenções significativas.
FERRARI, S. M. L. Saúde mental: acompanhamentos terapêuticos, reabilitação psicossocial e clínica. Revista do C.E.T.O., v. 13, p. 9-13, 2012.	Discutir práticas da terapia ocupacional em saúde mental, analisando os acompanhamentos terapêuticos, a reabilitação psicossocial e a clínica como dispositivos de intervenção.
FERRARI, S. M. L. Grupos de terapia ocupacional em saúde mental: novas reflexões. In: MAXIMINO, Viviane; LIBERMAN, Flávia (Orgs.). Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações. São Paulo: Summus Editorial, 2015. p.	O capítulo aborda os grupos de terapia ocupacional em saúde mental, destacando o fazer compartilhado como mediador das relações, da expressão e da construção de sentidos. Enfatiza a atuação do terapeuta na sustentação do enquadre, no favorecimento dos vínculos e na escolha de atividades significativas que ampliem a participação, apoiem o projeto terapêutico e promovam maior autonomia.

FERRARI, S. M. L. Clínica. In: Anais do XIV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, Rio de Janeiro, 2016. Revista Brasileira Interinstitucional de Terapia Ocupacional – REVISBRATO, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2016.	Refletir sobre a clínica da Terapia Ocupacional em saúde mental, tomando como referência o Instituto A Casa e os fundamentos do Método Terapia Ocupacional Dinâmica.
FERRARI, S. M. L et al. Grupos de terapia ocupacional em telessaúde na pandemia de Covid-19: perspectivas de um Hospital-Dia de Saúde Mental. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 30, p. e3019, 2022.	Analisar a experiência de um hospital-dia que implementou grupos online sustentados pelo Método Terapia Ocupacional Dinâmica, destacando desafios e potencialidades da telessaúde.

O percurso de investigação de Sonia como autora se inicia em 1990, com o artigo *Aspectos do funcionamento da clínica de grupos e sua especialidade na Terapia Ocupacional*, escrito em coautoria com Aguirre. Nesse estudo, as autoras analisam o funcionamento da terapia ocupacional em dispositivos grupais, ressaltando o grupo como um espaço de expressão, encontro e produção de sentidos, no qual o fazer compartilhado sustenta vínculos e possibilita diferentes modos de participação. A clínica de grupos é apresentada como um campo que acolhe movimentos subjetivos, facilita trocas, amplia a circulação dos sujeitos e favorece a construção de relações significativas. Destaca-se, ainda, o papel das atividades na mediação da experiência e coesão grupal, funcionando como suporte para processos terapêuticos e para a constituição de novos sentidos e possibilidades na vida cotidiana (Ferrari, 1990).

Em 1991, Sonia aprofundou essas reflexões em *O nascer das palavras através do fazer* (Ferrari, 1991), enfatizando que a atividade constitui um meio privilegiado de expressão subjetiva, particularmente para indivíduos com dificuldades de verbalização. A mediação da relação terapeuta-paciente-grupo se faz por meio das atividades, que segundo Sonia, permite organizar o pensamento, expressar emoções e construir novas formas de relação com o mundo e com o fazer, mostrando que esse “fazer” é simultaneamente instrumento de comunicação, de simbolização e de reorganização psíquica. As atividades propostas

tornam-se, assim, elementos centrais na articulação entre ação, pensamento e emoção, demonstrando a densidade conceitual da prática da Terapia Ocupacional Psicodinâmica.

Para pacientes com quadros psicóticos, as atividades terapêuticas assumem um papel central, pois muitos desses indivíduos enfrentam limitações significativas em relação ao viver criativo, decorrentes de falhas no desenvolvimento inicial durante a infância. Tal déficit está associado à dificuldade de desvinculação da figura materna, elemento essencial para a construção de uma identidade individual diferenciada (Ferrari, 1991).

A teoria de Winnicott (1971, apud Ferrari, 1991) sobre o “espaço potencial” torna-se relevante nesse contexto, ao descrever um espaço intermediário entre a realidade interna e externa, no qual ocorrem a brincadeira, a criatividade e a elaboração simbólica nos primeiros anos de vida. Quando essa fase não se desenvolve plenamente, o espaço potencial não se forma adequadamente, e o indivíduo tende a absorver passivamente conteúdos externos, sem construir significações próprias, repetindo narrativas que não lhe pertencem. Neste cenário, Sonia propõe que o terapeuta se configure como elemento do campo transicional, favorecendo criações que funcionem como objetos transicionais e promovam diferenciação entre o eu e o outro, possibilitando vínculos e produções dotadas de singularidade.

Em 1995, Ferrari publica *Terapia Ocupacional: integração e produção do saber*, propondo uma abordagem interdisciplinar que expande a concepção do terapeuta ocupacional como agente de transformação social. O artigo enfatiza que, embora a atividade permaneça como instrumento, sua utilização deve ser constantemente reformulada em função do contexto clínico e das necessidades do sujeito. Essa reflexão aponta para a necessidade de integração de múltiplos saberes, permitindo ao terapeuta construir um conhecimento abrangente sobre os processos terapêuticos e sobre a dimensão subjetiva do cuidado (Ferrari, 1995).

Dois anos depois, no artigo *A ancoragem no caminho da psicose: um estudo clínico do uso de atividades e sua compreensão no tratamento de psicóticos*, Ferrari (1997) analisa de forma aprofundada o papel da atividade no tratamento de pacientes psicóticos. O estudo inicia-se com uma retrospectiva histórica das intervenções psiquiátricas durante o período de institucionalização, caracterizadas pelo trabalho como atividade central, cuja lógica visava à normatização de comportamentos socialmente considerados desviantes e à manutenção da

ordem institucional. A partir da década de 1960, com a introdução da socioterapia por Luis de Cerqueira, emerge um questionamento crítico da opressão e da desumanização que marcavam o atendimento ao “doente mental”, destacando a necessidade de considerar fatores psicológicos e sociais além dos sintomas clínicos, com a terapia ocupacional assumindo papel estratégico na integralidade do cuidado.

Neste contexto, Ferrari (1997) enfatiza a importância do trabalho de Jô Benetton, reconhecida como referência na saúde mental em Terapia Ocupacional no Brasil, especialmente em sua formulação do Método da Terapia Ocupacional Dinâmica, no estudo das Trilhas associativas. Benetton (1991b), em *Trilhas associativas: ampliando recursos na clínica das psicoses*, descreve a construção de trilhas associativas na relação entre terapeuta e paciente, estabelecendo um campo transferencial no qual fatos, objetos e pessoas se interrelacionam por meio das atividades realizadas durante a terapia. A terapia ocupacional, nesse enfoque, configura-se como um jogo comunicativo, articulando desejo, ação e expressão artística, e criando um espaço intermediário entre o interno e o externo, entre o “eu” e o “não eu”, conforme a concepção de Winnicott (1971, apud Benetton, 1991b). Pacientes psicóticos, dada sua dificuldade em integrar o real, apenas poderão acessar esse espaço intermediário mediante a mediação do terapeuta, que orienta, estrutura e garante a segurança necessária para a exploração criativa e simbólica.

Inspirada por esses pressupostos, Sonia descreve, em sua prática clínica no Hospital Dia do Instituto “A Casa”, em São Paulo, intervenções com grupos de pacientes psicóticos e neuróticos graves, consolidando 18 anos de experiência até a publicação do estudo. Ela enfatiza a responsabilidade do terapeuta não apenas na organização das relações afetivas, mas na recriação ou construção do mundo do paciente psicótico. Para tanto, o terapeuta deve apropriar-se de uma realidade desconhecida, transformando essa apropriação em ação terapêutica. Muitos pacientes apresentam discurso fragmentado e difuso, prejudicando a comunicação verbal e a expressão simbólica. Nessas situações, a intervenção do terapeuta por meio de escuta ativa e condução criativa possibilita a emergência de novos significados e a reorganização da produção subjetiva (Ferrari, 1997).

A atividade emerge, assim, como principal instrumento de expressão, comunicação e construção de um campo relacional. O terapeuta, nesse sentido, seleciona materiais, propõe atividades e intervém nos processos de produção, permitindo que o sujeito experimente novas

formas de ação e relação com os conteúdos internos e com a sua produção própria. Ao vivenciar os elementos intrínsecos do fazer como início, meio e fim, o paciente experimenta um processo singular de elaboração psíquica, reforçando o caráter transformador da atividade (Ferrari, 1997).

Sonia denomina essas intervenções como *ações interpretativas*, que possuem função tanto analítica quanto prática. A compreensão de eventos individuais ou coletivos se traduz em intervenção, possibilitando a construção de novas metáforas e significados. Para que tais ações sejam efetivas, é necessário que a relação triádica esteja previamente estabelecida, de modo que as interpretações se articulem com a história do sujeito ou do grupo. Nos grupos terapêuticos, a atividade permite expandir as formas de comunicação, integrando a expressão individual em produções coletivas, criando um código simbólico compartilhado e promovendo a reintegração social por meio do fazer conjunto (Ferrari, 1997).

No ano seguinte, no artigo *Terapia Ocupacional: espaço da narrativa entre forma e imagem*, Ferrari (1999) aprofundou a relação entre a construção de narrativas e a capacidade criativa dos sujeitos, a partir de um fazer sustentado pelo desejo. O texto evidencia que as atividades expressivas e artísticas não apenas produzem formas e imagens, mas possibilitam a construção de novas narrativas que integram a história e a subjetividade do paciente. Para compreender essa relação, a autora destaca que a introdução de aportes teórico-práticos da psicanálise nos hospitais psiquiátricos conduzia as atividades expressivas à revelação de fantasias recalcadas, em função de sua capacidade de explorar conteúdos do inconsciente. A partir dessa observação, passou-se a associar a utilização de atividades expressivas à aplicação de testes projetivos, instrumentos destinados à avaliação psicológica que investigam aspectos inconscientes da personalidade, desejos, conflitos e emoções. Esse enfoque culminou na formulação da *Psicopatologia da Expressão*, que propõe compreender a produção artística como manifestação simbólica do funcionamento psíquico.

No campo da arte e da criatividade, Jean Dubuffet, em 1948, fundou a Companhia de Arte Bruta, iniciativa que valorizava a produção artística livre, independentemente das normas culturais e sociais vigentes. Dubuffet buscou destacar a espontaneidade e a criatividade genuína, contestando o caráter patológico da produção artística hospitalar proposto pela *Psicopatologia da Expressão*. Para ele, a criatividade é um potencial inerente a todos os indivíduos, e a arte não deveria se restringir a um grupo seletivo de artistas

consagrados, mas ser reconhecida como expressão legítima das capacidades psíquicas humanas. Esse paradigma gerou debates significativos sobre os limites entre arte, doença e criatividade, impactando tanto a teoria quanto a prática da terapia ocupacional (Ferrari, 1999).

Nesse contexto, a Terapia Ocupacional passou a explorar sistematicamente o potencial expressivo e criativo das atividades. Assim, passa a se articular a dinâmica psíquica com a ação, considerando a criatividade como elemento central desse processo. Não há atividades específicas que determinem níveis de criatividade; ao contrário, é o ambiente e a mediação terapêutica que favorecem sua manifestação em qualquer ação realizada. Ferrari (1999) enfatiza que a criatividade se manifesta no fazer, onde processo e produto se entrelaçam continuamente. A relação triádica entre paciente, terapeuta e atividades configura um espaço dinâmico de construção de conhecimento, possibilitando ao indivíduo incorporar novas experiências e reorganizar seu repertório de habilidades e significações, uma vez que ele se enxerga potente naquilo que faz. A implicação emocional do sujeito, aliado ao uso de materiais e as possibilidades de criação, contribuem para a construção da história pessoal e para a inserção do sujeito em um cotidiano possível, que viabilize novas formas de existência.

O investimento na criatividade tem como objetivo central a reconstrução do cotidiano, frequentemente impactado pelo sofrimento ou atravessamentos que limitam. Criar representa um ato de imaginação e desejo que, ao mesmo tempo, ressignifica experiências e confere valor à vida. Nesse processo, a narrativa sobre esse sujeito emerge como elemento estruturante, permitindo a ele organizar e dar sentido às suas vivências. No Hospital-Dia “A Casa”, uma exposição foi organizada para celebrar os dez anos da instituição, apresentando trabalhos artísticos produzidos pelos pacientes, incluindo desenhos, pinturas e esculturas. Durante um ano, as atividades foram sistematicamente registradas e analisadas quanto à evolução da produção artística e das relações interpessoais. A participação ativa dos pacientes na seleção das obras para exposição evidenciou o protagonismo na construção de suas narrativas e no reconhecimento de seu próprio processo de transformação (Ferrari, 1999).

Segundo Winnicott (1971 apud Ferrari, 1997), a terapia ocupacional visa possibilitar que o sujeito se distancie de si mesmo, aproprie-se do social e construa significado por meio da interação com o mundo. A organização do material artístico teve, portanto, caráter didático, servindo como referência para o ensino de técnicas da terapia ocupacional e para a

compreensão das dinâmicas grupais. A metodologia das trilhas associativas, descrita por Benetton (1991), foi aplicada para conectar fatos, objetos e relações a partir das atividades dos pacientes, permitindo identificar padrões, convergências e novas construções de significado. Em contextos grupais, as trilhas associativas ampliam essas conexões, promovendo a criação de um histórico coletivo que integra experiências individuais e coletivas.

Durante um ano, um programa terapêutico foi conduzido com quatro pacientes e três terapeutas, visando abordar dificuldades de comunicação, estereotípias e isolamento social. Inicialmente, as expressões individuais refletiam angústias e conflitos internos, como no caso de R., cujos desenhos de corpos mutilados representavam sensações corporais fragmentadas. Com a intervenção terapêutica, sua produção passou a refletir um corpo integrado ao mundo externo. W., tinha uma expressão artística marcada por elementos místicos e esotéricos, algo que foi ampliado com a introdução de novos conteúdos. As atividades em grupo permitiram que os pacientes expandissem seu campo relacional, superando interações exclusivamente individuais com os terapeutas. Exercícios coletivos, como a criação compartilhada de desenhos que circulavam entre os integrantes, favoreceram a continuidade e a transformação das produções individuais em construções coletivas, estabelecendo um novo código de comunicação grupal (Ferrari, 1999).

Em uma situação particular, uma paciente relatou ter tentado sair sozinha pela primeira vez, mas sentiu-se confusa e desorientada. Para ajudá-la a organizar a experiência, o grupo criou um mapa dos arredores, registrando locais visitados e encontros ocorridos. Com o suporte dos colegas, a paciente conseguiu estruturar melhor suas memórias e validar suas vivências, demonstrando o papel mediador do grupo no processo de reabilitação. A cultura do grupo foi se fortalecendo, incorporando novos integrantes às atividades em andamento. Quando um dos terapeutas precisou se afastar, o grupo produziu uma pintura coletiva como presente, simbolizando a continuidade e coesão do grupo (Ferrari, 1999).

Posteriormente, os pacientes criaram uma escultura coletiva denominada “Deusa do Amor”, representando a reconstrução simbólica do grupo. Ao secar, a escultura apresentou fissuras, provocando frustração; a intervenção terapêutica para repará-la com cola branca gerou um novo significado, simbolizando a capacidade de resiliência e reconstrução diante das dificuldades. O projeto evoluiu com a criação de um companheiro para a escultura,

chamado Marte, reforçando os vínculos afetivos e a dimensão simbólica do trabalho coletivo. Essa experiência evidencia como a terapia ocupacional, articulando criatividade, mediação e interação social, contribui para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos pacientes, promovendo novas formas de expressão e inserção no mundo (Ferrari, 1999).

No início dos anos 2000, Sonia aprofundou suas reflexões sobre as estratégias terapêuticas, consolidando conceitos que uniam teoria, prática clínica e formação profissional. Em *Acesso à teoria da técnica: Trilhas Associativas* (2000), Ferrari, em parceria com Tedesco, abordou o fenômeno da incompreensão da identidade da Terapia Ocupacional por parte de seus próprios profissionais. Destacaram que muitos terapeutas se deparavam com um desconhecimento acerca do potencial terapêutico da profissão, evidenciado pelo acesso restrito à formação continuada após a graduação. Para as autoras, a formação clínica constituía o principal mecanismo de fortalecimento do campo, evitando a fragilização de sua prática e promovendo o desenvolvimento de fundamentos e procedimentos ancorados em métodos consistentes.

O texto traça um panorama histórico das primeiras metodologias da Terapia Ocupacional, destacando que o primeiro curso técnico surgiu nos Estados Unidos em 1911, enquanto no Brasil a formação se iniciou em 1959. No campo acadêmico, observa-se uma dualidade metodológica: a primeira abordagem fundamenta-se nas ciências humanas e biológicas, como sociologia, antropologia e psicologia, oferecendo bases teóricas amplas, mas que, por vezes, podem gerar lacunas na aplicação prática; a segunda parte da produção científica emerge da experiência clínica, documentando técnicas, métodos e processos que estruturam a prática terapêutica de forma concreta (Ferrari, 2000). Autores como Fidler (1963, 1999), Mosey (1979) e Benetton (1989) são referências centrais dessa vertente, consolidando fundamentos metodológicos que articulam teoria e prática.

Entre essas contribuições, Benetton (1989) desenvolveu a técnica das Trilhas Associativas, reconhecendo a Terapia Ocupacional como um método sistemático de intervenção baseado na relação dinâmica entre terapeuta, paciente e atividades. O setting terapêutico, segundo sua concepção, corresponde ao conjunto de condições, sejam materiais, espaciais, temporais ou relacionais, que sustentam o encontro clínico e possibilita a experiência com um novo fazer. Nesse enquadre, as atividades funcionam como terceiro termo da relação triádica. É por meio dessa realização de atividades que o sujeito pode

experimental modos de fazer, expressar sua subjetividade e produzir sentidos ligados à vida cotidiana e à participação social. A referência psicanalítica orienta a leitura das manifestações do paciente, considerando a transferência e a produção de significados como elementos fundamentais para que novas possibilidades subjetivas e relacionais possam emergir (Ferrari, 2000).

A técnica das Trilhas Associativas pressupõe que todas as produções, finalizadas ou não, danificadas ou preservadas, sejam registradas e organizadas pelo terapeuta, compondo um prontuário sensível ao percurso expressivo do paciente. Fotografias, anotações, gravações e vídeos oferecem um acompanhamento contínuo das transformações, orientando o olhar clínico para movimentos que, muitas vezes, só se tornam compreensíveis quando observados ao longo do tempo. O momento decisivo desse processo surge quando o paciente passa a ordenar suas próprias produções: ele aproxima, separa, combina e reconfigura elementos conforme seus modos de perceber e significar o mundo. Esses agrupamentos, característicos do método, funcionam como pequenas arquiteturas simbólicas, nas quais se revelam escolhas, vínculos, ritmos e preferências singulares (Ferrari, 2000).

É nesse cenário de composições e recomposições que aparece aquilo que Benetton descreve como “código secreto”, uma forma de comunicação que não se reduz às palavras e que se manifesta justamente na relação que o paciente estabelece com as atividades e com o terapeuta. Esse código envolve gestos, seleções, repetições, pausas e aproximações que, vistos em conjunto, constituem uma lógica própria do sujeito em processo de criação. Assim, entre agrupamentos, associações e modos singulares de comunicar-se, o paciente vai construindo sentidos que alimentam narrativas pessoais, possibilitam reorganizações internas e ampliam sua circulação no cotidiano (Ferrari, 2000).

A construção de referências temporais e espaciais, dentro da Terapia Ocupacional, torna-se essencial para que o paciente consolide seu percurso e reintegre-se à vida cotidiana. A técnica das Trilhas Associativas, portanto, desloca o foco da simples mediação para a criação de trajetórias associativas próprias, sustentadas pela dinâmica psíquica que estrutura a relação terapêutica (Benetton, Ferrari e Tedesco, 1998). A partir dessa base, desenvolve-se um processo complexo e contínuo de transformação, em que as associações possíveis entre cada experiência do fazer, contribuem para construção de novos sentidos e ampliação da autonomia e participação dos sujeitos (Ferrari, 2000).

Em *A-Tua-Ação da Terapia Ocupacional no corpo contido* (Ferrari, 2002), Ferrari explorou a relação entre corpo, movimento e expressão, evidenciando como, em quadros psicóticos, o corpo frequentemente é percebido como fragmentado, vazio e desprovido de valor ou desejo. O mundo interno desses pacientes encontra-se muitas vezes aprisionado em delírios e vozes, gerando intensa solidão. Nesse contexto, a atuação do terapeuta torna-se central no estabelecimento de um campo de transferências, criando canais de comunicação que permitam a reconstrução do sentido e do corpo do paciente. Sonia evidencia que, por meio do uso de atividades expressivas e da mediação terapêutica, o indivíduo pode gradualmente apropriar-se de seu corpo e de suas experiências, conferindo-lhes significação própria no contexto da relação triádica.

O Hospital-Dia do Instituto A Casa, onde Ferrari desenvolveu parte de sua prática, foi apresentado como espaço interdisciplinar que articula a psicanálise como base para compreensão das subjetividades. A criação de espaços grupais amplifica as possibilidades de relação, encontro e expressão entre os pacientes, fortalecendo o caráter terapêutico das ações. Casos clínicos demonstram como corpos anteriormente contidos pelo sofrimento psíquico intenso passam a ser reconstruídos, assumindo desejos e ações que refletem novas experiências e narrativas de vida (Ferrari, 2002).

Em 2003, o artigo *Hábitos, cotidiano e terapia ocupacional* (Benetton, Ferrari e Tedesco, 2003) consolidou a importância da organização de rotinas terapêuticas na reintegração social, enfatizando que hábitos estruturados promovem autonomia e qualidade de vida. No ano seguinte, Ferrari (2004) publica *Terapia Ocupacional e as Fronteiras de seu Território*, texto no qual discute o conceito de “território” como metáfora referente a dimensão subjetiva do paciente. Nesse artigo, a autora propõe que o terapeuta circule pelas fronteiras do mundo vivido do sujeito, bem como suas histórias, gestos, modos de habitar o corpo e o espaço, buscando deixar marcas que possibilitem reconhecimento, apropriação e construção de um território próprio.

A autora analisa como, no encontro clínico, o terapeuta transita por essas fronteiras subjetivas, acompanhando o paciente na exploração e na construção do que pode vir a ser seu cotidiano. Nesse sentido, a fronteira é entendida como lugar de passagem, de descoberta e de inscrição de experiências, permitindo que o sujeito constitua limites internos e externos que sustentem sua vida cotidiana (Ferrari, 2004).

Assim, Ferrari (2004) enfatiza que é o sujeito quem amplia, contrai, atravessa e redesenha seus territórios, enquanto o terapeuta ocupacional cria condições no setting para que essa circulação seja possível. Trata-se, portanto, de pensar quem é o sujeito da terapia ocupacional, de que modo habita seu corpo e seus espaços, e como a prática terapêutica contribui para a construção das fronteiras necessárias à existência e ao viver cotidiano.

Posteriormente, Ferrari (2008), em *Análise de Atividades*, revisita o lugar da atividade na clínica, tensionando a perspectiva normativa que a entende como um recurso previamente ajustado a perfis ou categorias diagnósticas. Em vez disso, a autora critica justamente essa lógica prescritiva e propõe outra direção: a análise de atividades como um gesto clínico compartilhado, construído com o sujeito e não para ele. Nesse sentido, as atividades não são moldadas a priori conforme uma classificação diagnóstica, mas ganham forma no encontro, na experiência vivida, na implicação do sujeito alvo e do terapeuta. A análise, portanto, deixa de ser uma operação normativa para tornar-se um processo dialógico, sensível à singularidade, no qual o próprio sujeito participa da leitura, da construção e do sentido do fazer. Alguns anos depois, em 2012, com *Saúde mental: acompanhamentos terapêuticos, reabilitação psicossocial e clínica*, a autora sintetizou suas contribuições com enfoque para a articulação da clínica com o campo social (Ferrari, 2012).

No livro *Grupos e Terapia Ocupacional: formação, pesquisa e ações*, organizado por Maximino e Liberman (2015), Ferrari amplia sua reflexão para a dimensão coletiva do cuidado, discutindo os grupos como dispositivos clínico-institucionais fundamentais no campo da Terapia Ocupacional. A autora destaca que a grupalidade não deve ser reduzida a uma técnica de intervenção, mas compreendida como um espaço simbólico de circulação de afetos, de reconhecimento mútuo e de ressignificação das experiências subjetivas. Nesse contexto, o grupo é apresentado como um dispositivo facilitador para processos de construção de identidade, pertencimento e elaboração de conflitos, constituindo um campo fértil para a reconstrução de laços sociais fragilizados.

Ferrari (2015) argumenta que o dispositivo grupal favorece a articulação entre clínica e instituição, possibilitando que a prática terapêutica ultrapasse a lógica individualizante e se inscreva em um horizonte ampliado de participação. Assim, os grupos configuram-se como espaços nos quais o sujeito pode experimentar novas formas de estar com o outro, elaborar narrativas sobre si e ensaiar modos mais autônomos de participação social. A condução

desses grupos exige do terapeuta ocupacional uma postura de escuta sensível e o manejo das dinâmicas coletivas, de modo a valorizar simultaneamente a singularidade dos participantes e o processo coletivo produzido na convivência.

Em diálogo com a psicanálise, Ferrari (2015) evidencia que o grupo opera como um campo simbólico no qual emergem identificações, transferências e resistências, constituindo-se em espaço privilegiado de elaboração psíquica. A grupalidade, nesse sentido, não se reduz à soma de indivíduos, mas representa um dispositivo no qual o sujeito se confronta com o desejo do outro, com a alteridade e com as marcas de sua própria história. Essa perspectiva permite compreender o grupo como mediador dos processos de subjetivação, em que as experiências coletivas favorecem a simbolização de vivências que, muitas vezes, não encontram lugar na relação individual.

Desse modo, a autora reafirma a centralidade da dimensão simbólica na prática da Terapia Ocupacional em saúde mental, enfatizando que a função terapêutica do grupo reside na capacidade de produzir sentidos compartilhados e sustentar a circulação de afetos e narrativas. Ao articular fundamentos clínicos e institucionais com referenciais psicanalíticos, a autora contribui para consolidar o entendimento do grupo como dispositivo de cuidado que, ao mesmo tempo, acolhe a singularidade e potencializa a construção de vínculos sociais (Ferrari, 2015).

Em 2016, Sonia elaborou o texto *A Clínica*, apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional e publicado nos *Anais da Revisbrato*. O texto propõe uma reflexão sobre a clínica da Terapia Ocupacional em Saúde Mental, articulando-a à história do Instituto A Casa e aos fundamentos do Método Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD), desenvolvido no CETO. A autora parte da compreensão de que a clínica, a gestão e a formação são dimensões inseparáveis do fazer terapêutico, e que sua atuação deve ser pensada a partir de uma ética implicada e de uma prática atravessada pela subjetividade e pelo social.

Ferrari retoma a criação do Hospital-Dia do Instituto A Casa, em 1979, no contexto das primeiras experiências de substituição ao modelo asilar. O projeto nasceu com o intuito de oferecer um espaço terapêutico aberto, sustentado pela psicanálise, pela escuta da singularidade e pelo uso dos dispositivos grupais como recursos de tratamento e inclusão. Nesse sentido, a autora situa a instituição como um dos marcos da Reforma Psiquiátrica

brasileira, que defendia novas formas de cuidado baseadas em vínculos, trabalho interdisciplinar e reconstrução de laços sociais (Ferrari, 2016).

A partir desse percurso histórico, Ferrari (2016) revisita o conceito de clínica ampliada, conforme autores como Campos, Furtado e Barros, entendendo-a como um campo que conjuga as dimensões subjetivas e sociais do sofrimento. Essa concepção rompe com a visão biomédica, propondo uma clínica do sujeito implicado, que aposta na responsabilidade e no desejo, e não na mera adesão ao tratamento. Inspirada também nas práticas clínico-políticas, a autora enfatiza que o trabalho clínico em Terapia Ocupacional implica considerar as condições históricas, culturais e ideológicas que atravessam o sujeito e seu cotidiano.

No âmbito da Terapia Ocupacional, Ferrari (2016) fundamenta sua concepção de clínica no Método Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD), que compreende a intervenção como construção de espaços de saúde e de cotidianos possíveis, contrapondo-se a modelos normativos de reabilitação. Nessa perspectiva, o sujeito é visto como alguém que habita histórias fragmentadas e que, por meio da relação triádica, terapeuta, atividades e sujeito, pode reconstruir sentidos e reorganizar sua experiência de vida.

Ferrari (2016) destaca o trabalho em grupo como um dispositivo central da clínica. No Instituto A Casa, os grupos de Terapia Ocupacional integram o cotidiano institucional e funcionam como espaços de expressão, criação e reconstrução subjetiva. Inspirada por Fernandez, a autora compreende o grupo como um campo de entrelaçamentos em que singularidades e coletividades se cruzam em movimentos contínuos de ligação e separação. Os grupos não são concebidos como espaços de mera socialização, mas como instâncias clínicas onde se produzem novas formas de relação, linguagem e laço social.

O setting da Terapia Ocupacional, conforme o MTOD e as contribuições de Benetton, é entendido como um setting ampliado, aberto e estendido ao social — um espaço de fazer, criar e simbolizar que pode transcender as paredes da instituição. Essa abertura, refletida inclusive na organização física das salas do hospital-dia, favorece a circulação, a espontaneidade e a convivência entre os sujeitos, promovendo a experiência de um cotidiano compartilhado (Ferrari, 2016).

Nessa perspectiva, Ferrari (2016) descreve a complexidade da função do terapeuta como coordenador de grupos, ressaltando a necessidade de uma postura ativa na transferência, que equilibra implicação e reserva. O terapeuta precisa desenvolver um olhar clínico ampliado, capaz de observar, registrar e conectar os acontecimentos individuais e grupais. Essa postura demanda investimento, criatividade e capacidade de sustentar a multiplicidade de acontecimentos que emergem no contexto grupal.

Por fim, Ferrari (2016) ilustra suas ideias com o caso clínico de Lúcia, uma paciente cuja trajetória nos grupos de terapia ocupacional evidencia o processo de reconstrução subjetiva por meio das atividades. A experiência grupal permitiu à paciente reorganizar aspectos de sua história, assumir responsabilidades e desenvolver novas formas de se relacionar com o outro e consigo mesma. O grupo, nesse caso, funcionou como espaço simbólico de reorganização do psiquismo e de reinvenção do cotidiano.

Em suas considerações finais, a autora afirma que a clínica da Terapia Ocupacional deve manter-se fiel a uma ética do singular em diálogo com o universal, articulando o desejo do sujeito às dimensões coletivas e sociais da existência. É nessa articulação, entre sujeito, laço e mundo, que se torna possível construir lugares de saúde e pertencimento para aqueles que se encontram em situação de sofrimento psíquico (Ferrari, 2016).

Mais recentemente, em 2022, Ferrari e colaboradoras, no artigo *Grupos de terapia ocupacional em telessaúde na pandemia de Covid-19*, trouxeram à tona os impactos da pandemia no campo da saúde mental e a urgência de reinventar as práticas grupais. Sustentada pelo Método Terapia Ocupacional Dinâmica, a experiência analisada evidenciou que a transposição dos grupos para o ambiente virtual não se reduziu a uma solução técnica emergencial, mas se configurou como um verdadeiro dispositivo clínico-institucional, capaz de mobilizar processos de transformação em meio ao isolamento social. Nesse contexto, o grupo em telessaúde tornou-se espaço de criação e de sustentação de vínculos, no qual afetos puderam circular e narrativas subjetivas foram ressignificadas, mesmo diante das limitações impostas pela desigualdade digital e pelas barreiras tecnológicas.

O estudo revela que a virtualidade, longe de esvaziar a experiência clínica, abriu novas possibilidades de cuidado, permitindo que a Terapia Ocupacional explorasse novas

formas de presença e ampliando a compreensão sobre os variados modos em que os grupos podem operar dentro da clínica em terapia ocupacional (Ferrari, 2022).

Ferrari (2022) enfatiza que o manejo clínico exigiu do terapeuta ocupacional não apenas habilidades técnicas, mas sobretudo a capacidade de sustentar um campo transferencial em que emergiram identificações, resistências e novas formas de pertencimento. Assim, a produção reafirma uma perspectiva crítica e inventiva da profissão, mostrando que, mesmo em contextos de crise, o grupo se mantém como espaço privilegiado de elaboração psíquica, de reconstrução da rotina e de ensaio de modos mais autônomos de participação social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se dessa forma, que ao longo de sua trajetória acadêmica e clínica, Sonia Maria Leonardi Ferrari demonstra o potencial da Terapia Ocupacional para o cuidado de pessoas em sofrimento psíquico intenso. Sua obra evidencia a necessidade de uma abordagem dinâmica, adaptável e centrada no indivíduo, reconhecendo singularidades, promovendo significados e fortalecendo vínculos. O percurso de Ferrari revela a construção progressiva de um raciocínio teórico-metodológico em terapia ocupacional, consolidando um legado duradouro para profissionais e pesquisadores.

Para compreender integralmente esse conhecimento, torna-se fundamental resgatar a perspectiva da própria autora, valorizando sua experiência, motivações e diálogos teóricos. Assim, optou-se pela realização de uma revisão narrativa, buscando articular as principais produções de Sonia Ferrari e as referências teóricas que sustentam sua trajetória na Terapia Ocupacional em Saúde Mental.

6. POSFÁCIO

Concluir este Trabalho de Conclusão de Curso dedicado à obra de Sonia Ferrari representa, para mim, mais do que finalizar uma etapa da formação, mas sim atravessar um percurso de esclarecimentos, deslocamentos e reencontros com aquilo que, desde o início da graduação, me inquietava profundamente. As tensões entre terapia ocupacional e psicanálise no campo da saúde mental, que por tanto tempo me vislumbravam como questões abertas, encontraram novos contornos ao longo deste estudo.

Ademais, sob a orientação e articulação de Tais, minha orientadora, tive ainda a oportunidade única de conhecer Sonia pessoalmente, no Instituto A Casa. Escutá-la, observá-la e acompanhá-la em um grupo de terapia ocupacional foram experiências que ultrapassaram o âmbito teórico e transformaram minha compreensão sobre o fazer na clínica. Sua presença sensível, a fluidez com que manejava as situações que se apresentavam e a consistência de seu pensamento fizeram com que eu me reconhecesse naquilo que buscava enquanto futura terapeuta ocupacional.

Hoje, ao vivenciar meu último estágio em um hospital psiquiátrico cuja organização ainda carrega fortes marcas manicomiais, percebo o quanto a obra de Sonia me ajudou a construir outros modos de olhar, sustentar e propor terapia ocupacional. Suas formulações me ensinaram que uma terapia verdadeiramente comprometida com o sujeito não se acomoda em estruturas rígidas ou ambientes limitadores. Ela exige invenção, implica posição ética e não cabe em lógicas manicomiais. Atravessar Sonia Ferrari foi portanto, aprender a ver um pouco mais longe e, sobretudo, rever constantemente o que nos atravessa enquanto profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CASA. Fundadores. *A CASA*, 2024. Disponível em: <https://acasa.com.br/fundadores/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BENETTON, M. J. A case study applying a psychodynamic approach to occupational therapy. *Occupational Therapy International*, v. 2, p. 202-208, 1995.

BENETTON, M. J. Alguns aspectos do uso de atividades artísticas em terapia ocupacional. *Boletim de Psiquiatria*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 53-96, 1984.

BENETTON, M. J. Uma abordagem psicodinâmica em terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 2, n. 2-3, p. 55-59, 1991a.

BENETTON, M. J. Terapia Ocupacional — uma abordagem metodológica em Saúde Mental. São Paulo, 1989.

BENETTON, M. J. *Trilhas associativas: ampliando recursos na clínica da psicose*. São Paulo: Lemos Editora, 1991b.

BENETTON, M. J.; MARCOLINO, T. Q. As atividades no Método Terapia Ocupacional Dinâmica/Activities in the Dynamic Occupational Therapy Method. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 645-652, 2013.

CETO. Publicações. *CETO*, 2024. Disponível em: <https://ceto.pro.br/publicacoes/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FERRARI, S. M. L. Terapia Ocupacional e as fronteiras de seu território. *Revista do C.E.T.O.*, v. 9, p. 9-17, 2004.

FERRARI, S. M. L. Análise de atividades. *Revista do C.E.T.O.*, v. 10, p. 36-40, 2008.

FERRARI, S. M. L. Saúde mental: acompanhamentos terapêuticos, reabilitação psicossocial e clínica. *Revista do C.E.T.O.*, v. 13, p. 9-13, 2012.

FERRARI, S. M. L. **Entrevista concedida a** Raphaela Schiassi, Elcyana Bezerra Carvalho, Ana Carolina Carreira Mello e Lucyla Paes Landim. São Paulo, 30 nov. 2020.

Entrevista online. Transcrição realizada por Raphaela Schiassi e edição por Taís Quevedo Marcolino. (Documento fornecido pela autora).

FERRARI, S. M. L. Grupos e Terapia Ocupacional: reflexões sobre o campo da prática. In: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. (orgs.). *Grupos e Terapia Ocupacional: formação, pesquisa e ações*. São Paulo: Summus, 2015. p. 115–128

FERRARI, S. M. L. Clínica. In: ANAIS do XIV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, Rio de Janeiro, 2016. *Revista Brasileira Interinstitucional de Terapia Ocupacional – REVISBRATO*, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2016.

FERRARI, S. M. L.; AGUIRRE, B. Aspectos de funcionamento da clínica de grupos e sua especialidade na Terapia Ocupacional. *Boletim de Psiquiatria*, v. 22-23, 1990.

FERRARI, S. M. L.; BENETTON, M. J. Pour la Spécialisation D'Ergothérapeutes em Psychiatrie: Une Approche Psychodynamique. *Journal D'ergothérapie*, v. 2, 1989.

FERRARI, S. M. L.; BENETTON, M. J.; TEDESCO, S. Hábitos, cotidiano e terapia ocupacional. *Revista do C.E.T.O.*, v. 8, n. 8, p. 27-40, 2003.

FERRARI, S. M. L.; TEDESCO, S. Acesso à teoria da técnica trilhas associativas. *Revista do C.E.T.O.*, v. 5, n. 5, 2000.

FERRARI, S. M. L.; TEDESCO, S.; BENETTON, M. J. De la Spécialisation d'Ergothérapeutes en Santé Mentale. *Journal D'ergothérapie*, v. 3, n. 20, p. 113-116, 1998.

FERRARI, S. M. L. A ancoragem no caminho da psicose: um estudo clínico do uso de atividades e sua compreensão no tratamento de psicóticos. *Revista do C.E.T.O.*, v. 2, n. 2, 1997.

FERRARI, S. M. L. A-Tua-Ação da Terapia Ocupacional no corpo contido. *Revista do C.E.T.O.*, v. 7, n. 7, 2002.

FERRARI, S. M. L. Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8325094190036958>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FERRARI, S. M. L. O nascer das palavras através do fazer. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 2, 1991.

FERRARI, S. M. L. Terapia Ocupacional - espaço da narrativa entre forma e imagem. *Revista do C.E.T.O.*, v. 4, n. 4, 1999.

FERRARI, S. M. L. Terapia Ocupacional: integração e produção do saber. *Revista do C.E.T.O.*, v. 1, n. 1, 1995.

FERRARI, S. M. L. et al. Grupos de terapia ocupacional em telessaúde na pandemia de Covid-19: perspectivas de um Hospital-Dia de Saúde Mental. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 30, p. e3019, 2022.

FIGUEIREDO, L.C. *As diversas faces do cuidar*. São Paulo: Escuta, 2012.

GOMES, R. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (orgs.). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010. p. 185-221.

MARCOLINO, T. Q.; MIZUKAMI, M. G. N. Narrativas, processos reflexivos e prática profissional: apontamentos para pesquisa e formação. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 12, n. 26, p. 541-547, jul. 2008.

MELLO, A. C. C. de. *O Método Terapia Ocupacional Dinâmica e o Modelo Vivaio: histórias orais de construções inventivas para a prática de terapia ocupacional*. 2023. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 2, p. v-vi, abr. 2007.

TEDESCO, S. Diálogos da Terapia Ocupacional e a Psicanálise: Terapia Ocupacional Dinâmica. In: *Terapia Ocupacional: fundamentação e prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2023.